



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da ampliação da Refinaria Alumar/Alcoa  
Alumínio S/A**

**São Luís-MA, 10 de dezembro de 2009**

Não se preocupem com a grossura do texto, porque eu serei mais breve que o Lobão e que a Dilma. Porque, quando a pessoa fala de improviso, que começa a falar “e para concluir”, “e para terminar”, é duro.

Eu queria pedir licença a este glorioso palanque aqui para, cumprimentando o companheiro Sarney, cumprimentar todas as pessoas que estão aqui. Até porque já foi falado o nome de tantos aqui, que se eu repetir mais uma vez é capaz de alguém ser candidato a vereador nas próximas eleições. Então, vamos deixar de fazer propaganda aqui.

Bem, primeiro, a alegria imensa de estar aqui na inauguração e ampliação deste projeto. Isso foi um compromisso assumido em Nova Iorque, depois assumido no Brasil, e eles cumpriram os investimentos que prometeram e eu cumpri a coisa que é mais barata, que é vir aqui participar da inauguração.

Primeiro, eu queria dizer para vocês o seguinte: antes de mais nada, é importante dizer que a ampliação desta refinaria simboliza um novo momento vivido pelo Maranhão e vivido pelo Norte e pelo Nordeste do nosso país.

Durante décadas, talvez fosse melhor dizer séculos, a discussão econômica no Norte e no Nordeste esteve associada à ajuda. Quando os governos federais iam tratar das coisas para o Norte e para o Nordeste, não era projeto de desenvolvimento. Era como se fosse dar uma esmola para o Norte e para o Nordeste brasileiro.

Não há nenhum demérito na solidariedade econômica, na prestação de ajuda a quem precisa, pelo contrário. Na luta pelo desenvolvimento, o que se espera dos polos de maior riqueza e fartura é que eles funcionem como



alavancas de apoio às regiões historicamente alijadas do crescimento.

O presidente Sarney teve a experiência, na pele, de como as regiões mais ricas do País se opuseram à criação da Zona Franca de Manaus, e como essas mesmas regiões se opuseram à aprovação das ZPEs no Congresso Nacional, que podem ajudar a dinamizar o desenvolvimento de vários estados do País que ainda não têm atrativos para levar uma grande empresa a fazer investimento lá. Tem gente que acha que o desenvolvimento deve se dar apenas para um lado do País quando, na verdade, nós temos que olhar, em 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, 190 milhões de habitantes e, portanto, nós temos que olhar para todos, como uma mãe olha para a totalidade dos seus filhos na mesa de comida. A mãe não se importa que tenha um mais bonito, que tenha um mais gordinho, que tenha uma mais saidinha. Na hora de repartir o bife é um pedaço para cada um. Se tiver mais, dá um para cada um, mas nunca dá dois para um e nenhum para o outro. Então, é com esse espírito que nós precisamos governar o País para fazer ele dar certo.

Trata-se de uma reparação necessária para equilibrar regionalmente as oportunidades, corrigir estruturas e gerar bases de um maior equilíbrio econômico com ganho e justiça social.

A novidade sintetizada neste evento é que ele evidencia um passo gigantesco que está sendo dado pelo Nordeste na conquista de sua emancipação econômica. Não há nisso nenhum exagero. Se o Brasil foi um dos primeiros países a vencer a crise mundial, a verdade é que o Nordeste foi a região do Brasil que saiu na frente para liderar o esforço por essa extraordinária vitória do nosso País.

Hoje, o mercado nordestino é reconhecido como uma grande fronteira econômica do desenvolvimento nacional. É por isso que as empresas investem cada vez mais no Nordeste. Até outro dia, não tinha uma empresa das grandes construindo uma base qualquer no Nordeste brasileiro. Só neste ano eu já fui inaugurar duas fábricas de frango no Nordeste brasileiro, exatamente porque o



povo nordestino adquiriu o direito de começar a comer, a encher um shopping, um supermercado e, portanto, as pessoas agora sabem que podem vender. E não asa ou pescoço. Peito e coxa também, que nós gostamos.

Certamente, é por isso que a Alcoa – a principal gerenciadora mundial de usinas de alumínio primário, alumínio manufaturado e alumina – transforma este complexo da Alumar, aqui no Maranhão, em um dos maiores do mundo, ao mesmo tempo em que desenvolve a mina de bauxita em Juruti, no estado do Pará.

É um processo que se pode verificar em todos os setores da economia. As cadeias de supermercado se espalham das capitais para o interior nordestino. As construtoras multiplicam os projetos imobiliários da região. A exemplo delas, se expandem também os polos de tecidos e de alimentos, bem como as indústrias de ponta de informática e de produção de fármacos.

A verdade é que o grande assunto da economia brasileira hoje é a força do nosso mercado interno, e o Nordeste representa 30% dessa força. Ela foi menosprezada durante décadas, mas hoje, finalmente, é reconhecida como um dos trunfos mais preciosos da luta pelo nosso desenvolvimento.

Meus companheiros diretores da Refinaria, companheiros trabalhadores, Ministros,

Por mais que alguns neguem e outros desdenhem, a verdade é que essa mudança de visão política mudou – e vai mudar mais – a vida dos nossos queridos Norte e Nordeste. Ele deixou de ser o primo pobre da nação para se tornar uma das linhas de frente da atual retomada econômica brasileira. Desde 2003 – com exceção apenas do ano de 2007 – o PIB nordestino cresce acima da média nacional. Entre 2003 e 2008, o mercado de trabalho regional cresceu 39%, contra 36% na média nacional.

Alguns... desculpe o atraso, eu não esperava que essas páginas fossem grudar. Tem gente só para evitar que isso aconteça.

Graças à firme recuperação do salário mínimo, que remunera quase a



metade dos assalariados nordestinos, desde 2003 a renda do trabalhador aqui tem crescido mais que o dobro da média brasileira.

Alguns podem torcer o nariz. Mas o fato é que hoje o salário-mínimo compra duas cestas básicas e ainda deixa um pouquinho de dinheiro no bolso do trabalhador. Em 1995, para comprar uma única cesta básica, um pai de família gastava 89% do seu ganho na feira, no armazém ou no supermercado. Por tudo isso, e por conta das políticas sociais do governo, 48% dos brasileiros que deixaram a linha da pobreza nos últimos anos são nordestinos. Tem mais... desculpe a imprensa, estou pondo o dedo na boca aqui porque é um método antigo, mas nunca superado. Significa dizer que este mercado regional, em um curto espaço de tempo, ganhou mais 6 milhões e 500 mil consumidores, além de agregar mais 46% do poder de compra na mão de metade dos seus assalariados. Não é por outro motivo que os pobres do Norte e do Nordeste brasileiro já consomem mais alimentos, mais produtos de higiene pessoal e mais artigos de limpeza que os segmentos das classes A e B das regiões Sul e Sudeste do nosso país.

Antigamente, as pessoas não compravam porque não podiam, e aí diziam: “Pobre não gosta das coisas boas. Pobre gosta de comprar ovo quebrado, tomate amassado, laranja...”. Não, dê um dinheirinho na mão de um trabalhador porque ele quer comprar tudo de primeira, tudo de primeira. O Joãozinho Trinta dizia, em 1978, uma coisa que eu achei magistral. Esse negócio de fazer apologia da miséria, ele dizia: “Quem gosta de miséria é intelectual, o pobre gosta de luxo”. E a Dilma sentiu isso quando a gente foi discutir um programa habitacional, Sarney, que eu pedi para isentar de impostos azulejo, cerâmica, aí teve um companheiro que disse o seguinte: “Ah, mas isso é coisa de rico, Presidente”. Rapaz, se pobre pudesse, ele colocava azulejo até no estuque, de tão bonito que é.

Mas é uma visão errada que as pessoas têm do povo brasileiro, sobretudo as pessoas que vivem nas altas rodas da grã-finagem, elas têm uma



visão errada do restante da sociedade, de que nós não gostamos de nada que seja bom. Ora, quem é besta? Mas não é só isso. As vendas de eletrodomésticos também cresceram. A evidência disso é que o consumo doméstico de energia no Nordeste superou, Lobão, pela primeira vez, o consumo residencial de eletricidade na região Sul do País. Você já pensou, João Castelo, o Nordeste consumir mais energia residencial que a região Centro-Sul do País? Significa, meus companheiros e minhas companheiras, significa, sinceramente: nenhuma empresa, nenhum investidor, nenhum projeto de expansão industrial pode ficar fora de um mercado que avança com essa vitalidade.

Estamos falando de um horizonte de consumo equivalente a um terço da população brasileira. São mais de 53 milhões de brasileiros que agora estão recuperando o tempo perdido: respiram empregos, demandam investimentos, cobram e conquistam avanços de cidadania e de justiça social.

Vocês sabem, mas eu vou repetir mais uma vez: as obras e os recursos federais necessários à redenção nordestina ocupam lugar sagrado na agenda de compromissos do nosso governo.

Por isso, o Nordeste brasileiro tem merecido tratamento prioritário na destinação das obras do PAC. É a segunda região do País em volume de investimentos federais. Por isso tem merecido atenção especial também nas ligações do programa Luz para Todos, bem como nas obras de urbanização e habitação social.

Eu vou dizer duas coisas para vocês, aqui, rápido: o programa Luz para Todos, quem mora aqui em São Luís, aqui na capital, não dá nenhuma importância porque só fica chateado quando falta luz na época da novela. Mas quem mora nos cafundós deste país, que ainda vive à base de um candeeiro, ou com uma latinha de refrigerante cheia de querosene com um paviozinho, sabe o que significa o Luz para Todos. E aqui eu tenho certeza que muita gente tem parente que viveu assim, em algum momento: as pessoas cheirando



querosene a noite inteira. Pensem, pensem numa desgraceira de uma menina ou de um menino fazer uma lição embaixo da luz de um lampião.

Bem, eu vou dar um dado para vocês. É a segunda região do País... vou dar um número para vocês. Lobão, se eu estiver errado, por favor, balance a cabeça, sempre concordando. É o seguinte: nós... Veja, o Programa Luz para Todos começou ainda quando a ministra Dilma era ministra de Minas e Energia, em 2004. Nós pegamos um estudo do IBGE e descobrimos que ainda tinha 2 milhões de famílias que não tinham energia elétrica, sobretudo no campo. Então, resolvemos fazer um programa para levar energia para as pessoas. Esse programa custa muito caro, porque na região Norte do País, uma ligação só, às vezes, custa US\$ 3.500, o equivalente quase a R\$ 7 mil, que nenhuma empresa privada faria, porque não era economicamente rentável. Mas o Estado brasileiro, seja rentável ou não, tem a obrigação moral de dar a todos os brasileiros, independentemente de onde eles morem, o direito de ter acesso à energia elétrica, para que eles possam estudar, para que eles possam ter geladeira, para que eles possam ter televisão.

Pois bem, já fizemos, já atendemos 2 milhões e 200 mil famílias, o que equivale a quase 11 milhões de pessoas. Mas, quando a gente foi para o meio do mato ligar, a gente descobriu que tinha 1 milhão a mais do que o IBGE tinha informado. E, agora, assumimos o compromisso de, até 2010, a gente completar o restante que não estava nos cálculos do IBGE.

Mas eu vou dar um dado para vocês, prestem atenção, vocês que estão tudo com cara de inteligente, se não são, façam cara de inteligentes, pelo amor de Deus. Olha, vou contar uma coisa para vocês: nós já utilizamos, nesse Programa Luz para Todos, 1 milhão de quilômetros de fio, de cabo. Vejam quantas voltas a gente poderia dar, no Planeta Terra, com 1 milhão de quilômetros de fio, produzido no Brasil, gerando emprego no Brasil e salário no Brasil. Nós já utilizamos 5 milhões de postes, fabricados no Brasil, gerando emprego no Brasil e pagando salário no Brasil. Nós já utilizamos 800 mil



geradores... Não é geradores, transformadores, transformadores. Também produzidos aqui, gerando empregos aqui.

O que isso permitiu que acontecesse na casa das pessoas que receberam Luz para Todos? Um milhão e seiscentas famílias compraram televisores. Certamente, não para me ver, mas para ver os caras da novela, ou para ver o Brasil jogar, ou, aqui, como tem muito flamenguista, ver o Mengão ser campeão, no domingo, certamente. Bem, 1 milhão e 600 compraram televisão, mais 1 milhão e 470 mil pessoas compraram geladeira.

Eu sou do tempo, gente, quando eu tinha 18 anos, que eu morava em um bairro pobre, em São Paulo, a gente não tinha geladeira, Sarney, sabe como é que a gente comprava cerveja? Ou a gente comprava a cerveja e o cara do bar cobrava mais caro a cerveja gelada. Então a gente comprava a bichinha quente, ia ao supermercado, comprava logo uma penca, e a gente colocava dentro de um balde, descia no poço e colocava ela lá no fundão do poço para, de vez em quando, a gente abrir e tomar, que não estava gelada, estava apenas “afrescalhada”. Mas era assim que a gente podia beber.

Então imagina, imagina. O Sarney, aqui, tem muita gente, nós somos do tempo em que a gente matava um porco, pegava a carne do porco, pré-cozinhava ela e colocava dentro de uma lata de banha do próprio porco, e depois – porque não tinha geladeira, era para não estragar – aí, ia tirando, quando ia comer, fritava e guardava o ossinho para fazer uma sopa depois.

Pois bem, isso acabou para essas pessoas. Ou seja, quando você liga a luz na casa de uma pessoa pobre, do (incompreensível), é como se você tirasse ela do século XVIII e trouxesse para o século XXI em um passe de mágica. Então, é um milagre, que eu agradeço muito a Dilma e agradeço ao Lobão porque tem neste programa uma coisa extraordinária. Agora, para fazer um programa como esse precisa ter coragem porque já gastamos R\$ 14 bilhões, R\$ 14 bilhões. São poucos homens neste país, ou mulheres, que teriam coragem de dizer: “Vamos pegar 14 bilhões e colocar em um programa



para levar para o pobre que está lá no Amazonas”, que não pode nem xingar o Presidente, não tem rádio, não tem televisão, não tem nada, nem vê o Presidente, não pode nem me xingar. Então, vamos levar para essa gente o direito de ver a beleza do seu Presidente de vez em quando e ver os trabalhos que nós fazemos.

Bem, também o Pronaf, para a agricultura familiar, não era para o Norte e para o Nordeste, era para o Centro-Sul do País. Eu mexo com isso há muito tempo. Quando a gente anunciava o Pronaf, 80% ia só para o Rio Grande do Sul. Nem o Paraná, nem São Paulo, porque não tinha experiência. Hoje, o Pronaf está trazendo dinheiro para o agricultor.

Bem, eu estou dizendo tudo isso para dizer para vocês o seguinte: eu vou passar aqui meu discurso, umas páginas, não vou mais passar o dedo na boca, assim já pego de três de uma vez e vou economizando. Mas eu vou dar um exemplo do desenvolvimento do Nordeste, gente. Quando eu tomei posse, em 2003, o nosso querido BNB, o nosso querido BNB – estou vendo ali a cara simpática do Diretor do BNB, agora está simpática, não é, porque tem dinheiro. Pois bem, em 2003, o BNB, o ano inteiro, ele emprestou apenas R\$ 260 milhões. Este ano, ele tem R\$ 13 bilhões para emprestar, algumas vezes a mais do que a gente tinha.

Hoje, Presidente Sarney, hoje eu fui com a Roseana em um bairro lá, e anunciaram, o Marcio Fortes anunciou, só aqui para a região, acho que é de São Luís, quase 1 bilhão de saneamento básico, só para São Luís, que é bem pequeno, diante do Maranhão, não é isso? Não, para o Maranhão, R\$ 1 bilhão.

Você sabe, em 2002, Sarney, qual foi o dinheiro de saneamento básico investido no Brasil inteiro, tudo que se investiu no Brasil, em saneamento básico? Apenas 262 milhões. Agora, só no Maranhão, a gente está investindo R\$ 1 bilhão.

Ou seja, uma outra coisa que eu considero importante, e vou terminar dizendo para vocês, porque eu e o Lobão tínhamos que sair daqui às seis





horas da tarde, para ir para o Peru. Tem um jantar para nós. Nós vamos ao Peru para comer galinha, não para comer peru. Então, nós íamos para o Peru, mas alguém vai comer por nós, e nós vamos comer a nossa comida do avião mesmo. Comida do avião é fantástica, porque ela é de boa qualidade, mas como o forninho é aquele a vapor, aí você não faz mais diferença: frango, salada, tem tudo o mesmo gosto. Como eu tenho viajado muito, eu estou com uma azia crônica, depois você me dá um...

Bem, agora vejam que engraçado, vejam que engraçado: quis Deus que fosse este analfabeto, porque tem gente que acha que eu sou analfabeto. Eu sou quase. Mas, vejam uma coisa engraçada: primeiro, eu acho que... eu tenho o sentimento exato daquilo que pensa o nosso povo. E, veja, exatamente eu já passei para a história como o Presidente do País que mais fez universidades no País. É uma coisa uma coisa um pouco estranha. Nós vamos terminar 2010 com 14 universidades federais novas, e 104 extensões universitárias por todo o interior do País. Este ano, agora, dia 15, na semana que vem, antes de embarcar para Copenhague, nós vamos inaugurar a 100ª escola técnica este ano. Nós tivemos, em cem anos, 140, em oito anos, nós vamos inaugurar 214.

Porque sabem os empresários que estão aqui, que esse é um fator de equilíbrio regional. Na hora que a mão de obra for qualificada, na hora que o empresário americano, francês, norueguês, tailandês, que vem investir aqui, se ele quiser saber onde é que tem mão de obra qualificada, ele vai perceber que tem, em todo o território nacional, uma juventude altamente qualificada, capaz de competir, do ponto de vista do conhecimento científico e tecnológico, com qualquer outro trabalhador do mundo. Aí, vai ficar muito mais fácil trazer investimento para cá.

E hoje foi engraçado, Sarney, porque eu cheguei aqui achando que ia ter cinco escolas técnicas no Maranhão. Aí, eu falei: "Roseana, só tem cinco escolas técnicas aqui?" Ela falou: "Cinco não, meu filho, tem 14. Tinha quatro antes de você, e agora tem nove depois de você". Ela não me chama de você,



sempre muito elegante, ela me chama de Presidente.

Bem, eu queria, companheiros, dizer para vocês que 33% das escolas técnicas feitas no Brasil serão feitas no Nordeste. Porque o Nordeste não pode continuar... Você pega os dados – eu vou terminar dizendo isso – pega os dados do Nordeste e do Brasil. Você pega assim: onde é que tem mais doutores? A região Centro-Sul do País. Onde é que tem mais mestres? Região Centro-Sul do País. Onde é que tem mais pesquisa? Centro-Sul do País. Onde é que tem mais isso? Centro-Sul. Agora, onde é que tem mais analfabetos? Nordeste. Onde é que tem mais desnutrição? Nordeste. Onde é que tem mais mortalidade infantil? Nordeste. Onde é que tem mais evasão escolar, pessoas que não terminam o curso? Nordeste.

Ora, tem uma razão de ser. Se as pessoas não têm o que comer... Com fome, o Paulo Freire dizia: “Com fome ninguém é bonito e ninguém é inteligente”. Agora, quando você come e fica com o “buchinho” assim, mesmo quem é feio, vocês acham bonito. E, aí, todo mundo vira inteligente.

Então, esse é o dado do milagre que está acontecendo no País, é dar a todos os brasileiros, independentemente da região ou da origem social, a oportunidade de ser alguém. E a oportunidade é uma coisa simples se a gente souber traduzir em uma linguagem que o povo compreenda e não naquela linguagem dos economistas, que a gente não entende. É distribuir o pão de cada dia igual fazem vocês dentro de casa ou a mãe da gente dentro de casa.

O máximo que acontece na casa da gente, eu não sei se acontece com vocês, quando eu era pequeno, a gente guardava os bifos da gente para comer por último para fazer inveja para os irmãos que já tinham comido. Aí você acabava a comida, ficava com o bife balangando, mostrando para os outros. Ou seja, então, o que é, na verdade, pensar economia distributiva neste país? Imagine que aqui, neste público, aqui, só dos trabalhadores, do lado de lá já é classe média, eu não vou distribuir dinheiro não. Mas aqui, do lado dos trabalhadores, imagina que eu tivesse R\$ 2 milhões. Eu pegasse R\$ 2 milhões



e desse para este companheiro simpático, que está com esse celular, olhando para a minha cara aqui há uma meia hora. Eu não sei se ele está olhando para mim ou está olhando para ele mesmo pelo reflexo do celular. Bem, pois bem, imagina que eu tivesse R\$ 2 milhões e eu desse só para ele. O que iria acontecer neste público aqui? Nós iríamos ter um cara rico, que iria comprar uma casa boa, que iria comprar um carro bom, que iria comprar uma casa de praia, que iria comer no restaurante, tomar vinho, tomar champanhe e o restante ia ficar na mesma lambança que estava antes, sem nada. Tudo chupando o dedo.

Agora, se eu pego esses mesmos 2 milhões e dou 10 para ele e divido 10 para cada um de vocês. O que eu vou ter? Eu vou ter uma pequena classe média, todo mundo vai entrar no restaurante e vai comer um pouquinho, todo mundo vai levar uma comida para casa, todo mundo vai comprar uma roupa. É essa a noção de distribuição que nós estamos tentando criar no Brasil. Ou seja, não é concebível, nem para o empresário moderno, a concentração de riquezas que nós estávamos habituados no Brasil. Essa crise, ela mostrou que graças à distribuição de renda, na hora que veio a crise, vocês estão lembrados que, em dezembro do ano passado, eu fui para a televisão pedir para vocês consumirem. Eu fui pedir: comprem, gente. Comprem. Porque se vocês estão com medo de perder o emprego e não querem comprar para não fazer dívida, vocês vão perder o emprego é se vocês não comprarem, porque se vocês não comprarem a empresa não produz, a loja não compra, não vende e, portanto, a economia para. Então, eu fui dizer isso para vocês. Por quê? Porque eu sabia que tinha um pouquinho de reserva para cada um. E ainda tive o cuidado de pedir para vocês não gastarem muito: gastem só o suficiente.

Este ano, eu vou fazer um pronunciamento, mas aí já é do desenvolvimento. Porque ontem nós anunciamos boas medidas para o desenvolvimento, para fazer a economia crescer mais rápido, para facilitar a vida das pessoas, para fomentar os empresários brasileiros e estrangeiros a



investir no Brasil, para garantir que os bancos brasileiros possam fazer investimento de longo prazo, competir com o BNDES.

Mantivemos todas as desonerações até junho do ano passado. Vamos aplicar um programa como o Finame, que é um programa extraordinário, que é um programa de financiamento de caminhões, de máquinas e de ônibus. Nós vamos estender para toda a América Latina e para toda a África, ao mesmo preço que nós vendemos no Brasil, para ajudar as empresas brasileiras.

E vamos fazer um projeto-piloto, que anunciamos ontem, se preparem, porque nós vamos pegar as empresas brasileiras pequenas, que estão em dificuldade, nós vamos financiar, através do BNDES, os trabalhadores, para comprar ações daquela empresa. Aí, a empresa tem que ter o capital aberto, tem que ter conselho, e os trabalhadores precisam participar da direção, porque se ele comprar ação, ele passa a ser o dono daquela empresa, também, ele passa a ser sócio daquela empresa.

Ou seja, na verdade, o Brasil está mudando e está mudando rapidamente. E a gente só está mudando porque tem uma coisa sagrada que, possivelmente, a nossa extraordinária imprensa ainda não detectou. Tem uma coisa nova nos ares do Brasil, que nós estamos respirando, e chegou ao Maranhão, chegou a Garanhuns, chegou a Caetés, chegou a todo lugar. Ou seja, o povo brasileiro não quer ser mais tratado como cidadão de segunda classe, ou vira-lata, que é enxotado para tudo quanto é lado. O povo brasileiro quer ser tratado em igualdade de condições, ele quer ser respeitado, ele tem orgulho e ele tem autoestima. É isso que está mudando a cara do Brasil, ou seja, nós estamos acreditando em uma coisa que nunca deveríamos ter deixado de acreditar: estamos acreditando em nós.

E o grande mérito que eu tenho é acreditar em vocês. E o grande mérito que vocês têm é amar este país e acreditar que ele não deve nada a nenhum outro país do mundo.

Parabéns, Alumar. Parabéns aos trabalhadores e parabéns ao



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Maranhão e ao Brasil. Um abraço.

(\$211A)